

Sobre o Tempo

Responsabilidade: Todo o grupo

Colaborações:

1. Andrea Gonçalves Poligicchio: **Arte como experiência**, de John Dewey
2. Eloísa Marques Miguez: **Temporalidade e mortalidade** - um ensaio ontológico, de Viktor Frankl, excertos
3. Fernando de Oliveira Souza: Poema "**Mapa**", de Murilo Mendes
4. Maria Helena Ribeiro: **Temporalidade e mortalidade**: Um ensaio ontológico, de Victor Frankl, *Um sentido para a vida*, 2005, p. 93-95
5. Marisa Ortegoza da Cunha: **A evolução criadora**, de Henri Bergson
6. Nílson José Machado - **Tempo: o tácito e a dádiva**
7. Stela Maris Fazio Battaglia: **Tempo**, de Arnaldo Antunes

1. "Arte como experiência" de John Dewey (p. 90 e 91)

Colaboração: Andrea Gonçalves Poligicchio

"(...) Com isso, o espaço torna-se algo mais do que um vazio pelo qual perambular, pontilhado, aqui e ali, de coisas perigosas e coisas que satisfazem os apetites. Torna-se um cenário abrangente e fechado no qual se ordena a multiplicidade de atos e experiências em que o homem se engaja. O tempo deixa de ser o fluxo infindável e uniforme ou a sucessão de pontos instantâneos que alguns filósofos afirmam que é. Ele é também o meio organizado e organizador do influxo e refluxo rítmicos de impulsos expectantes, movimentos de avanço e recuo e de resistência e suspense, com realização e consumação. É uma ordenação do crescimento e do amadurecimento - como disse James¹, aprendemos a patinar no verão, depois de haver começado no inverno. O tempo, como organização de mudança, é crescimento, e crescimento significa que uma série variada de mudanças entra nos intervalos de pausa e repouso, de conclusões que se tornam os pontos iniciais de novos processos de desenvolvimento. Tal como o solo, a mente é fertilizada quando está improdutivo, até seguir-se um novo surto de floração.

¹ *The Principles of Psychology*, vol. 1, p.110 [*The Works of William James, The Principles of Psychology*, org. Frederick H. Burkhardt, Fredson Bowers e Ignas K. Skrupskelis (Cambridge: Harvard University Press, 1981), vol.1, p. 114].

Quando um relâmpago ilumina uma paisagem escura, há um reconhecimento momentâneo dos objetos. Mas o reconhecimento em si não é um mero ponto no tempo. É a culminação focal de longos e lentos processos de maturação. É a manifestação da continuidade de uma experiência temporal ordenada, em um súbito instante ímpar de clímax. Isolado, ele é tão sem sentido quanto seria a tragédia de Hamlet, caso se restringisse a um único verso ou palavra, sem qualquer contexto. Mas a frase "o resto é silêncio" é infinitamente pregnante como conclusão de um drama encenado pelo desenvolvimento no tempo; o mesmo pode ocorrer com a percepção momentânea de uma cena natural. A forma, tal como presente nas artes, é a arte de deixar claro o que está envolvido na organização do espaço e do tempo, prefigurada em todo curso de uma experiência vital em desenvolvimento.

Os momentos e lugares, a despeito da limitação física e da localização restrita, são carregados de acúmulos de energia colhida durante muito tempo. O retorno a uma cena da infância, deixada anos antes, inunda o local com uma liberação de lembranças e esperanças refreadas. Encontrar em um país estrangeiro um conhecido informal de casa pode despertar uma satisfação tão aguda que chega a emocionar. O mero reconhecimento só ocorre quando estamos ocupados com outra coisa que não o objeto ou a pessoa reconhecidos. Assinala uma interrupção ou uma intenção de usar o que é reconhecido como um meio para algo diferente. Ver, perceber, é mais do que reconhecer. Não identifica algo presente em termos de um passado desvinculado dele mesmo. O passado se transpõe para o presente, expandindo e aprofundando o conteúdo deste último. Aí se ilustra a tradução da pura continuidade do tempo externo para a ordem e organização vitais da experiência".

Referência Bibliográfica

Dewey, John - *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

2. "Temporalidade e Mortalidade: Um Ensaio Ontológico"² - Viktor Frankl - Excertos

Colaboração: Eloisa Marques Miguez
elomiguez@gmail.com

i. Transitoriedade e sentido

"Ao vernos frente à transitoriedade da vida, podemos dizer que o futuro não existe ainda, que o passado não existe mais e que o único que realmente existe é o presente. Ou, ainda, podemos dizer que o futuro não é nada, tampouco o passado, e que o homem é um ser que surge do nada, 'arrojado' ao ser e ameaçado pelo vazio. Como, então, em vista da essencial transitoriedade da existência humana, pode o homem encontrar sentido na vida?" (p. 113)

ii. Filosofia existencial e quietismo

"A filosofia existencial assegura que pode encontrá-lo [o sentido]. O que esta filosofia denomina 'heroísmo trágico' é a possibilidade de dizer 'sim' à vida, apesar de sua transitoriedade. O existencialismo destaca o presente, por mais transitório que este possa ser.

² Conferência proferida na Universidade de Innsbruck, Tirol, em 1947. (Frankl. *Psicoterapia y Humanismo – tiene un sentido la vida?*, pp. 113-125).

Pode dizer-se o contrário com respeito ao quietismo, que, na tradição de Platão e Santo Agostinho, afirma que a eternidade, e não o presente, é a autêntica realidade. Nesse caso, o que se quer significar por eternidade é um mundo simultâneo que abarca o presente, o passado e o futuro. Aquilo que se nega não é a realidade do passado nem a do futuro, mas sim a realidade do tempo como tal. [...]

Compreende-se que o quietismo conduza forçosamente ao fatalismo: se tudo 'é', nada pode ser mudado e não importa a ação. Este fatalismo, nascido da crença em um ser imutável, tem sua contrapartida no pessimismo do existencialismo, que está de acordo com a crença de que tudo é instável e mutável." (pp. 113-114)

iii. Logoterapia³ - a realidade do passado

"A Logoterapia adota uma posição intermediária entre o quietismo e o existencialismo, o que pode ser ilustrado mediante o exemplo da ampulheta, o antigo símbolo do tempo. A parte superior da ampulheta representaria o futuro, o que há de vir, e a areia que deve passar através da estreita abertura representa o presente; e a parte inferior da ampulheta representaria o passado, a areia que já atravessou a estreita passagem. [...]

A logoterapia afirma que, porquanto seja verdade que o futuro ainda 'não é' em realidade, o passado é a autêntica realidade. [...] Uma ampulheta pode ser girada quando se esvaziou a parte superior. Isto, contudo, não pode ser feito com o tempo, uma vez que este é irreversível. [...] De fato, tudo permanece conservado no passado e para sempre.

"Quanto à inegável transitoriedade da vida, a logoterapia sustenta que esta só é realmente aplicável às possibilidades de cumprir um sentido [...]. Uma vez realizadas tais possibilidades, já não são transitórias: passaram, são passado, e isto equivale a dizer que existem de certo modo, como parte do passado precisamente. Nada pode mudá-las, nada pode anulá-las. Quando qualquer possibilidade se transforma em realidade, algo sucedeu 'de uma vez e para sempre', para toda a eternidade." (pp. 114-115)

iv. "Otimismo do passado"

"Queremos precisar agora em que sentido contrapõe a logoterapia um 'otimismo do passado' ao 'pessimismo do presente' proposto pelo existencialismo. [...] O pessimista é como um homem que observa com temor e tristeza que seu calendário de parede, do qual arranca diariamente uma folha, vai-se tornando mais delgado a cada dia que passa. Ao contrário, a pessoa que aborda ativamente os problemas da vida é como um homem que arranca cada folha sucessiva de seu calendário e a guarda cuidadosamente com as folhas precedentes após apontar em seu verso algumas notas correspondentes ao dia vivido. [...] A logoterapia sustenta que 'ter sido' continua sendo um modo de ser, quem sabe inclusive o modo mais seguro." (pp. 115-116)

v. Tempo e responsabilidade

"Certamente, tudo é transitório. [...] Por outro lado, tudo é eterno. E mais: converte-se por si mesmo em eterno. Nada temos que fazer para que assim seja. Uma vez realizado algo, a eternidade cuidará disso. Mas temos de assumir a responsabilidade por aquilo que escolhemos fazer, pelo que selecionamos para que passe a fazer parte de nosso passado, pelo que elegemos para que entre na eternidade.

³ Logoterapia: criada por Viktor E. Frankl, trata-se de uma psicoterapia centrada no sentido. Tem como objetivo tornar consciente o *logos* oculto na existência pessoal. Neste sentido é um processo analítico; porém, não limita sua atividade aos fatos *instintivos*, presentes no inconsciente, mas ocupa-se das realidades *espirituais*, tais como o sentido potencial da existência e sua "vontade de sentido". Tem como fundamento a Análise Existencial, que representa "uma orientação antropológica de investigação". (Frankl. *Logoterapia y análisis existencial*, pp. 62-63)

[...] O mundo não é, como afirmava o grande filósofo existencial Karl Jaspers, um manuscrito redigido em um código que devemos decifrar; não, o mundo é, antes, uma crônica pessoal que devemos ditar. E esta crônica é dramática, uma vez que dia após dia a vida nos apresenta perguntas, somos interrogados pela vida e devemos responder. A vida é um período de perguntas e respostas que dura até a morte. Com relação às respostas, não me canso de dizer que somente podemos responder à vida respondendo por nossas vidas. Responder à vida significa ser responsável por nossa vida." (pp. 121-122)

vi. "Ativismo do futuro"

"A logoterapia apresenta-se não só como um 'otimismo do passado' (em contraste com o 'pessimismo do presente' do existencialismo), mas também como um 'ativismo do futuro' (em contraste com o 'fatalismo da eternidade' do quietismo). Se tudo está armazenado no passado, é importante decidir, no presente, aquilo que queremos eternizar ao levá-lo a fazer parte do passado. Eis aqui o segredo da criatividade: movemos algo a partir do 'nada do futuro' para o 'ser do passado'. A responsabilidade humana se baseia, pois, no 'ativismo do futuro', na própria eleição de possibilidades a partir do futuro, e no 'otimismo do passado', isto é, transformando estas possibilidades em realidades ao colocá-las a salvo no abrigo do passado." (p. 122)

vii. Presente e eternidade

"O presente é a fronteira entre a não-realidade do futuro e a eterna realidade do passado. Justamente por isso é a 'fronteira da eternidade'; em outras palavras, a eternidade é finita e estende-se só até o presente, no qual elegemos aquilo que desejamos admitir na eternidade. A fronteira da eternidade é o lugar em que adotamos, em cada momento de nossas vidas, a decisão sobre o que há de ser eternizado e o que não há de sê-lo." (p. 123)

viii. Mortalidade e self

"E o que sucede, retomando a analogia da ampulheta, após a areia ter passado pelo estreito orifício e ficar vazia a parte superior, após ter transcorrido nosso tempo e a vida se tornar concluída e finalizada? Em uma palavra, o que acontece na morte? Na morte, tudo quanto sucedeu congela-se no passado. Já não se pode modificar nada. A pessoa não dispõe de mais nada: nem de mente, nem de corpo, perdeu seu eu psicofísico. O que lhe resta, o que permanece é o 'si mesmo' (*self*) espiritual. [Tomando a imagem da vida como um filme], na morte, o homem torna-se ele mesmo o filme. Neste dado momento 'é' sua vida, converte-se na história de sua vida, tenha sido ela boa ou má." (pp. 123-124)

ix. Primeiro paradoxo da existência

"Isso leva ao paradoxo de que o passado do homem é seu autêntico futuro. O homem vivente tem tanto um futuro como um passado; [...] o morto, porém, 'é' seu passado. Não tem vida, 'é' sua vida. Não importa que seja tão somente sua vida passada; afinal, o passado é o modo mais seguro de ser. [...] Ainda que no decurso da vida passem pela cânula da ampulheta tão somente *faits accomplis* isolados, agora, depois da morte, a vida passou através dele em sua totalidade, transformou-se em um *par-fait accompli*." (p. 124)

x. Segundo paradoxo da existência

"Se é verdade que o homem faz com que algo se torne realidade situando-o no passado (salvando-o assim, ironicamente, de sua transitoriedade); se é assim, podemos dizer que é o homem quem transforma a si mesmo em realidade, quem 'cria' a si mesmo. Em segundo lugar, não se converte numa realidade ao nascer, mas precisamente na morte; está 'criando' a si mesmo no momento da morte." (p. 124)

Referências Bibliográficas

Frankl, V. *Psicoterapia y Humanismo - tiene un sentido la vida?* México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

Frankl, V. *Logoterapia y análisis existencial*. Barcelona: Herder, 1994.

3. Mapa, de Murilo Mendes

Colaboração: Fernando de Oliveira Souza

Me colaram no tempo, me puseram
uma alma viva e um corpo desconjuntado. Estou
limitado ao norte pelos sentidos, ao sul pelo medo,
a leste pelo Apóstolo São Paulo, a oeste pela minha educação.

Me vejo numa nebulosa, rodando, sou um fluido,
depois chego à consciência da terra, ando como os outros,
me pregam numa cruz, numa única vida.
Colégio. Indignado, me chamam pelo número, detesto a hierarquia.

Me puseram o rótulo de homem, vou rindo, vou andando, aos solavancos.
Danço. Rio e choro, estou aqui, estou ali, desarticulado,
gosto de todos, não gosto de ninguém, batalho com os espíritos do ar,
alguém da terra me faz sinais, não sei mais o que é o bem
nem o mal.

Minha cabeça voou acima da baía, estou suspenso, angustiado, no éter,
tonto de vidas, de cheiros, de movimentos, de pensamentos,
não acredito em nenhuma técnica.

Estou com os meus antepassados, me balanço em arenas espanholas,
é por isso que saio às vezes pra rua combatendo personagens imaginários,
depois estou com os meus tios doidos, às gargalhadas,
na fazenda do interior, olhando os girassóis do jardim.

Estou no outro lado do mundo, daqui a cem anos, levantando populações...
Me desespero porque não posso estar presente a todos os atos da vida.

Onde esconder minha cara? O mundo samba na minha cabeça.
Triângulos, estrelas, noites, mulheres andando,
presságios brotando no ar, diversos pesos e movimentos me chamam a atenção,
o mundo vai mudar a cara,
a morte revelará o sentido verdadeiro das coisas. Andarei no ar.

Estarei em todos os nascimentos e em todas as agonias,
me aninharei nos recantos do corpo da noiva,
na cabeça dos artistas doentes, dos revolucionários.

Tudo transparecerá:
vulcões de ódio, explosões de amor, outras caras aparecerão na terra,

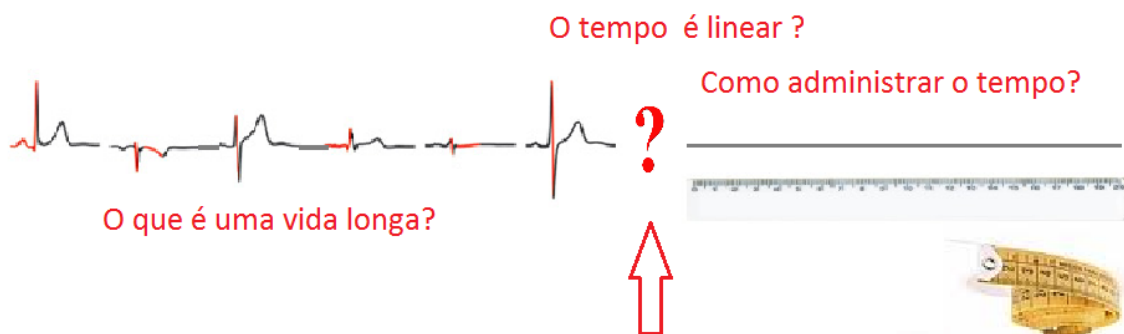
o vento que vem da eternidade suspenderá os passos,
dançarei na luz dos relâmpagos, beijarei sete mulheres,
vibrarei nos cangerês do mar, abraçarei as almas no ar,
me insinuarei nos quatro cantos do mundo.

Almas desesperadas eu vos amo. Almas insatisfeitas, ardentes.
Detesto os que se tapeiam,
os que brincam de cabra-cega com a vida, os homens "práticos"...
Viva São Francisco e vários suicidas e amantes suicidas,
os soldados que perderam a batalha, as mães bem mães,
as fêmeas bem fêmeas, os doidos bem doidos.
Vivam os transfigurados, ou porque eram perfeitos ou porque jejuavam muito...
viva eu, que inauguro no mundo o estado de bagunça transcendente.

Sou a presa do homem que fui há vinte anos passados,
dos amores raros que tive,
vida de planos ardentes, desertos vibrando sob os dedos do amor,
tudo é ritmo do cérebro do poeta. Não me inscrevo em nenhuma teoria,
estou no ar,
na alma dos criminosos, dos amantes desesperados,
no meu quarto modesto da praia de Botafogo,
no pensamento dos homens que movem o mundo,
nem triste nem alegre, chama com dois olhos andando,
sempre
em transformação.

4. Temporalidade e mortalidade: Um ensaio ontológico❶ (Victor Frankl, *Um sentido para a vida*, 2005, p. 93-95)

Colaboração: Maria Helena Ribeiro
e-mail: profa.mhelenaribeiro@gmail.com



"No passado coisa alguma é irremediavelmente e irreparavelmente perdida, mas cada coisa é guardada para sempre" (Victor Frankl).

"Desde que tenhamos realizado a possibilidade oferecida pela situação presente ... teremos agido assim de uma vez para sempre..." (Victor Frankl).

Face a face com a transitoriedade da vida podemos dizer que o futuro ainda não existe, o passado não existe mais, e a única coisa que realmente existe é o presente. Ou podemos dizer que o futuro é nada, o passado também nada é, e o homem é um ser que caminha para o nada," lançado " para o ser e ameaçado pela inexistência; como então diante da transitoriedade essencial da existência humana, pode o homem encontrar sentido na vida?

A filosofia existencial afirma que ele pode. O que esta filosofia chama "heroísmo trágico" é a possibilidade de dizer sim à vida apesar de sua transitoriedade. O existencialismo põe ênfase no presente - por mais transitório que o presente seja.

O contrário pode ser dito do quietismo, que, na tradição de Platão e Santo Agostinho, afirma que a eternidade e não o presente é a verdadeira realidade. Certo, o que é entendido por eternidade é uma realidade simultânea que abrange o presente, o passado e o futuro. Em outros termos, o que é negado não é a realidade do passado ou a do futuro, mas sim a realidade do tempo como tal. A eternidade é vista como um mundo em quatro dimensões - permanente, rígido e pré-determinado. De acordo com o quietismo, o tempo é imaginário, e o passado, o presente e o futuro são meras ilusões de nossa consciência. Tudo existe simultaneamente. Os eventos não se seguem em sequência temporal, mas o que é visto como sequência no tempo é apenas um auto-engano causado por nossa consciência que desliza ao longo dos acontecimentos, isto é, os aspectos individuais da realidade imutável, que não são fatos sucessivos, mas na realidade coexistentes.

É compreensível que o quietismo conduza necessariamente ao fatalismo: se cada coisa na realidade "já é", nada pode ser mudado e não há nada mais a fazer. Este fatalismo, nascido da crença em um ser imutável, tem sua contrapartida no pessimismo do existencialismo, que é a consequência da crença que tudo seja instável e mutável.

A logoterapia ocupa a posição média entre o quietismo e o existencialismo, e isso pode ser melhor explicado pela analogia da ampulheta, o antigo símbolo do tempo. A parte superior da ampulheta representa o futuro - o qual ainda está para acontecer, como a areia na parte superior que deve passar pela abertura estreita e que representa o presente. E a parte inferior da ampulheta representa o passado - a areia que já passou pela abertura estreita. O existencialismo vê apenas a passagem estreita do presente, sem dar atenção à parte superior e à inferior, o futuro e o passado. O quietismo, no outro lado, vê a ampulheta em sua totalidade, mas considera a areia como uma massa inerte que não "escorre", mas simplesmente "é".

A logoterapia quer afirmar que, porquanto seja verdade que o futuro "não é", o passado é a pura realidade. E esta posição também pode ser evidenciada pela comparação da ampulheta. Sem dúvida, como todas as comparações, também esta é falha, mas é precisamente por suas falhas que a essência do tempo pode ser demonstrada. Vejamos: Uma ampulheta deve ser virada quando a parte superior estiver vazia. Isto evidentemente não pode ser feito com o tempo - o tempo é irreversível. Outra diferença: sacudindo a ampulheta nós misturamos os grãos de areia, mudando suas posições relativas. Isto só em parte poderá ser feito com o tempo: podemos "sacudir" e modificar o futuro - e com o futuro e no futuro podemos modificar a nós mesmos - mas o passado é definitivo. Em termos de ampulheta, seria como se a areia ficasse rígida à medida que passasse pela abertura estreita do presente, como se fosse tratada com um fixador, um preservativo, um conservante. De fato, cada coisa permanece conservada no passado, e dessa maneira está conservada para sempre.

Quanto à inegável transitoriedade da vida, a logoterapia afirma que isto realmente só se aplica com relação às possibilidades de dar um sentido, às oportunidades de criar, de experimentar, de sofrer com sentido pleno. Quando tais possibilidades se concretizam, elas não são mais transitórias - elas passaram, elas são passado, e isto quer dizer que elas

existem de certo modo, ou seja, como uma parte do passado. Nada pode mudá-las, nada pode anulá-las. Quando uma possibilidade aconteceu, ela está feita 'uma vez e para sempre' para toda a eternidade.

Agora podemos notar o sentido com que a logoterapia contrapõe um "otimismo do passado" ao "pessimismo do presente" proposto pelo existencialismo. Uma vez exprimi a diferença entre os dois pelo exemplo seguinte: "O pessimista é como um homem que observa com inquietação e tristeza ir-se afinando a cada dia que passa, seu calendário, do qual toda manhã destaca uma folha. No outro extremo, a pessoa que enfrenta ativamente os problemas da vida é como o homem que destaca dia a dia cada folha de seu calendário e a arquiva cuidadosa e carinhosamente com as anteriores, depois de ter anotado em seu verso algumas linhas diárias. Ele pode espelhar-se com prazer e alegria em toda a vida que viveu plenamente. O que significa para ele perceber que está envelhecendo? Tem ele algum motivo para invejar aos jovens que vê, ou para ter saudades de sua juventude perdida? Que motivos tem ele para invejar os jovens? Pelas possibilidades abertas aos jovens, o futuro para ele já é história? "Não, obrigado", pensará ele. "Em vez de possibilidades eu tenho realidades em meu passado, não apenas a realidade do trabalho realizado e do amor amado, mas também do sofrimento sofrido com coragem.

❶. Baseado em um texto intitulado "Der seelichkranke Mensch vor der Fragen nach dem Sinn des Daseins" ("Neurosis and the Quest for Meaning"), que eu li na Universidade de Innsbruck no Tyrol, no dia 19 de fevereiro de 1947.

5. A evolução criadora, de Henri Bergson

Colaboração: Marisa Ortegoza da Cunha
marisa.ortegoza@gmail.com

"... não obstante o objeto permanecer o mesmo, e eu o contemplar do mesmo lado, sob o mesmo ângulo, sob a mesma luz, nem por isso a visão que dele tenho deixa de ser diferente da que acabo de ter, quanto mais não fosse por ser já um instante mais velha. A minha memória introduz alguma coisa do passado neste presente."
(p.42)

"... a nossa duração não é um instante que substitui outro instante: se assim fosse jamais haveria presente, não haveria prolongamento do passado no atual, não haveria evolução, nem duração concreta. A duração é o progresso contínuo do passado que róí o futuro e que incha avançando. Visto que o passado incessantemente cresce, também se conserva indefinidamente." (p. 44)

"... o amontoar-se do passado sobre o passado prossegue sem tréguas. Na realidade, o passado conserva-se por si próprio, automaticamente. Acompanha-nos, sem dúvida, por inteiro, a cada instante." (p. 44)

"... que somos nós, o que é o nosso *caráter*, senão a condensação da história que vivemos desde o nosso nascimento, e até antes de termos nascido, já que trazemos conosco disposições pré-natais? Certamente, só pensamos com uma pequena parte do nosso passado;

mas é com o nosso passado inteiro, inclusive com a curvatura primordial da nossa alma, que desejamos, queremos e agimos." (p.45)

"O universo dura. Quanto mais aprofundarmos a natureza do tempo, melhor compreenderemos que duração quer dizer invenção, criação de formas, elaboração contínua do inteiramente novo." (p. 49)

"Se considero o meu corpo em particular, dou conta de que, tal como a minha consciência, vai amadurecendo a pouco e pouco da infância à velhice; como eu, envelhece. Aliás, maturidade e velhice não são, a bem dizer, senão atributos do meu corpo; é metaforicamente que designo com o mesmo nome as mudanças correspondentes da minha pessoa consciente." (p. 53)

"Em todo o lugar onde alguma coisa vive, existe, aberto em alguma parte, um registro onde o tempo se inscreve." (p.54)

"Percebemos a duração como um curso que não pode inverter-se. É o fundo do nosso ser e, bem o sentimos, a própria substância das coisas com as quais estamos em comunicação." (p.72)

"A duração real é aquela que morde as coisas e nelas deixa a marca dos dentes. Se tudo está no tempo, tudo muda interiormente, e a mesma realidade concreta nunca se repete. Portanto, a repetição só é possível no abstrato: o que se repete, é este ou aquele aspecto que os nossos sentidos e sobretudo a nossa inteligência desligaram da realidade..." (p.78)

Referência bibliográfica

Bergson, H. - *A evolução criadora*. Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1971.

6. Tempo: o tácito e a dádiva

Nílson José Machado

njmachad@usp.br

O que é o tempo? No dia a dia, não temos dúvidas cruciais sobre o tema. Falamos sobre ele, compreendemos o que nos dizem a respeito e proclamamos sua falta. Sem crises, usamos agendas, calendários e relógios. Não precisamos de definições, nem das complicações do verbo *ser*.

É de Santo Agostinho a resposta à questão inicial que destaca a natureza tácita do tempo: *Se ninguém me perguntar eu sei, porém, se quiser explicar a quem me perguntar, já não sei*. Como em tantos outros temas, uma compreensão tácita nos basta.

Outra característica marcante do tempo é sua natureza dadivosa. A vida que recebemos e o tempo que vivemos são dádivas preciosas. Vendemos a força de trabalho, ou o tempo disponível, mas não são mercadorias: não há mercados para repor nosso *estoque*. Ainda que sejamos pagos para dar atenção a alguém, como ninguém sabe o *estoque* de tempo de que dispõe, nunca será possível cobrar o preço justo.

Usar o tempo que se tem para dedicar-se a algo ou a alguém sempre será uma ação dadivosa.

ANOTAÇÕES MÍNIMAS

1. Em latim: tempus, aevum, aeternitas
duração, período longo, eternidade
2. Bipartição do tempo: sincronia/diacronia
simultaneidade, sucessão
3. Tripartição do tempo: passado, presente, futuro
vivemos numa bolha passado/futuro; maior pedaço é o mais importante...
4. Tempo: circular/linear
memória-repetição; irreversibilidade
5. Santo Agostinho: procursus/excursus; alma/caos, autoritas/potestas; papa/rei
6. Ricoeur: tempo e narrativa
7. Bergson: tempo e duração
8. Guyau: tempo e ordem
9. Elias: tempo e espaço

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Almir de - As duas faces do tempo. São Paulo: Edusp/José Olympio, 1971.
- BERGSON, Henri - A evolução criadora. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971.
- BOSI, Alfredo - O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- BOUTINET, Jean Pierre - Antropologia do Projecto. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- EINAUDI, Enciclopédia - Volume 29 - Tempo /Temporalidade
- EINAUDI, Enciclopédia - Volume 43 - Sistemática - verbete Tempo/Temporalidade, de Krzysztof Pomiam (p.154-164).
- ELIAS, Norbert - Sobre el tiempo. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- GUYAU, Jean-Marie - A gênese da ideia de tempo e outros escritos. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HEIDEGGER, Martin - Ser e Tempo.
- JULLIEN, François - Do tempo. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.
- RICOEUR, Paul - Tempo e narrativa (3 volumes). São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SANTO AGOSTINHO - A Cidade de Deus

7. Tempo, de Arnaldo Antunes

Colaboração: Stela Maris Fazio Battaglia

será que a cabeça
tem o mesmo tempo que a mão?
o tempo do pensamento,
o tempo da ação
será que o teto tem o mesmo tempo que o chão?
o tempo de decompor...
o tempo de decomposição
será que o filho
tem o mesmo tempo que o pai?
O tempo do nascimento,
crescimento, envelhecimento,

um momento
um momento
o homem pensa que faz
a guerra, a paz
enquanto o homem pensa
o tempo se faz
o homem pensa que é
alegre, triste
enquanto o tempo passa
o homem assiste
como matar o tempo
como matar o tempo...

Tempo, Arnaldo Antunes (copyright 1996 by Universal Mus Pub MGB Brasil Ltda. / Rosa Celeste Empreendimentos Artísticos Ltda.) / Paulo Miklos (copyright 1996 by Warner Chappel Edições Musicais Ltda.). Todos os direitos reservados. In: Rey Puente, Fernando. *O tempo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes , 2010. - (Filosofias: o prazer do pensar/ dirigida por Marilena Chauí e Juvenal Savian Filho).

Tempo - tema que sempre suscita muita reflexão, inspirador de poemas e canções. Arnaldo Antunes, em sua composição, fala em diferentes tempos: do nascimento, crescimento e envelhecimento. Tempos diante dos quais o homem não pode sobrepor-se. O tempo se faz, o tempo passa...

O tempo, então, existiria em si?

"Sobre o tempo" reflete o sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) em obra publicada, sob este título, em 1984. Ao discorrer sobre o assunto, o autor aponta a existência de duas posições opostas de abordagem: uma concepção newtoniana, que vê o tempo como um dado objetivo e outra, ligada a Kant, que o entende como uma representação subjetiva, possibilitada por uma particular condição da consciência humana; precedendo qualquer experiência, o tempo seria, em si, uma forma inata de experiência, "um dado não modificável da natureza humana". Apesar da oposição de enfoques, Elias aponta um ponto comum entre estas colocações: em ambas, o tempo é visto um dado natural, em que se vê ora o objeto a ser conhecido ora o sujeito diante do objeto. Considerando-as artificiais e estéreis para o estudo do tema, o autor propõe, então, uma revisão de paradigmas. Um deles refere-se à dicotomia entre homem e natureza, que precisa ser sobrepujada. Os seres humanos são produtos da natureza, estão imbricados com processos físicos e sociais. Diz ele:

"Ao olhar o relógio, sei que são tantas ou quantas horas, não apenas para mim, mas para o conjunto da sociedade a que pertença. Além disso, os símbolos legíveis no mostrador me dão informações sobre diversos aspectos do devir cósmico, como, por exemplo, a posição recíproca do Sol e da Terra na sucessão ininterrupta de seus movimentos" (pg. 17).

Da mesma maneira não é viável cindir o tempo em social e físico. É preciso reconhecer a interdependência entre natureza, sociedade e indivíduo, estabelecendo correspondências que exigem elevado nível de síntese, tal qual exige o conceito de tempo.

Nas sociedades mais complexas o tempo tornou-se uma segunda natureza do homem, não por ser objeto de aprendizagem, mas por ser símbolo de uma instituição social a que os homens são obrigados a se familiarizarem (em certa etapa da evolução social), como meio de orientação. Tal condição faz perder de vista o fato de haver sociedades menos avançadas em que, por exemplo, não existe calendário. Em vista disso, Elias faz o convite para voltarmos-nos para sociedades mais simples em que "a consciência humana é

mais atingida pela repetição inelutável das mesmas sequências, como o ciclo das estações”, há pouca clareza da consciência de si (o indivíduo vê-se imerso na cadeia das gerações) e os níveis de síntese entre os acontecimentos e seus quadros de referência são baixos. É preciso levar em conta que houve uma evolução observável do saber, que vivemos um longo processo de aprendizagem em que cada contribuição parte de um patrimônio adquirido e o aumenta.

Uma outra questão a ser revista na reflexão sobre o tempo, segundo Elias, é que, sendo símbolo, insere-se em um campo no qual o homem ainda não tem pleno domínio de conhecimento e que ainda requer grandes buscas.

Dadas algumas linhas de reflexão desta obra, apresentamos a questão explícita que a norteia : com que objetivo os homens necessitam determinar o tempo?

E deixamos algumas expressões sobre o tempo - viver o tempo, perder tempo, correr atrás do tempo, aproveitar o tempo, matar o tempo...

***** *****